

ALTO ALENTEJO

Bastões na Raia

Castelo de Vide

Por

F. Le Cocq de Souza

CASTELO DE VIDE

1. A situação
2. O clima
3. O homem
4. A casa agrícola
5. Terras vizinhas
6. O roteiro
7. Notas

1

Além, além Tejo um burgo antigo. Implantado com larguesa alva num contraforte de São Mamede, a quatrocentos e sessenta metros do nível do mar (1), ele denomina-se, sem atavios, Castelo de Vide. As gentes trigueiras, meãs, da charneca de pão ácido (2), distendida a Norte, desde o sopé da montanha luxuriante, até aos longes esfumados da Guardunha e da Estrela, denominam-na Terra Alta.

A Sul do povoado, beirãs das Espanhas, as serranias encrespam (3) o seu manto adusto e alteiam o dorso gigante. Em Marvão, o Hermínio Menor (4) alevanta-se, com pose, a mais de mil metros de altitude (5). E, num momento mágico, as montanhas revelam-se em hipnose infinda.

Sob as penedias magestáticas, que parece fulminarem os deuses com soberba, desprendem-se das encostas regaços vegetais de abismos, que tocam, por fim, a base florida das cordilheiras.

Espreguiçando-se dolentes, de Norte para Sul (6), as serranias arredondam aqui uma forma feminil mais ousada; adoçam ali uma inclinação licenciosa e sugerem além outras vergonhas de mulher, sob o Sol poderoso, que as adormenta e possui. Entretanto, os vales entreabrem-se humedecidos, revelando discretos suas flores silvestres, entre rosas gloriosas e camélias de tons vários (7). E, em pontos mais elevados das colinas, divisa-se o tomilho bravo, o rosmaninho, a esteva, o alecrim e até o tojo (8). E ascendem do húmus formoso perfumes selváticos, que envolvem os ganhões na montanha.

As florestas frondosas de carvalho negrão, de castanheiros seculares, de sobreiros hercúleos, de acácias frageis e olivedos anões, entre manchas de pinheiros bravos (9), invocam a lenda cabalística dos gnomos e sugerem-nos figurantes assutadores.

Os cursos de água puríssima, que lavram sulcos amplos nas abas dos cerros isolados, precipitam-se vivazes, ladinos, rumo às várzeas repousadas, desejosos do leito das ribeiras, demarcado nas granjas por salgueiros, choupos, ulmeiros e freixos (10).

Com sua face absorta, voltada às neblinas do Norte, a Terra Alta identifica-se fácil sobre a colina luxuriante, que lhe serve de pienha (11), demarcando-se nítida na paisagem, dada a alvura mourisca da cal pura do casario, recortado nas alfombras de verdura que a

cercam e isolam. Coroada rainha, pelo recorte das ameias da torre albarrã do seu castelo (12), ela assume-se guardiã vigilante das lonjuras da estepe alentejana.

A Oeste da vila, pousada sobre uma das cristas dos penhascos que enfeitam o cerro de São paulo, a centos de metros de altitude, divisa-se a capelinha de Nossa Senhora da Penha, edificada nas meadas do século XVI (13). Ela contempla, dia e noite, o burgo religioso, desafiador de riscos, ante os rumos da História. Local evocativo da Mãe de Deus, de dia assume-se como santuário, onde se refugia a Esperança das gentes; de noite o lume da sua lâmpada bruxeleante torna-o apenas guia espiritual de um povo, que foi guerreiro e hoje é quase só lavrador. Mas trata-se, além do mais, de um miradoro excepcional, onde se alcança o maravilhoso, para além do que os olhos podem divisar.

A Leste da vila medieva, depara-se-nos a região raiana, outrora devassada pelos terços de Castela, ostentando com prosápia os seus pendões, quando de incursões bélicas. Por ali rumaram também, temerosos, acautelados, os contrabandistas e ladrões de gado. E, em épocas longínquas, quando os Reis de Portugal e Espanha se envolviam em guerras de conquista, velhas, curiosas das manhas do invasor, aprenderam a soletrar à lareira, no murmúrio das brisas, os ruídos metálicos dos aprestos de combate, junto às muralhas do burgo, enquanto iam passando, com temor, as contas do seu rosário, entre os dedos deformados pelo reumático e pelo uso das alfaias agrícolas.

Os campos são paupérrimos nesta estreita área do Concelho. Canchos de xisto pardo cobrem elevações e baixios. Olivados míseros, implantados de estaca nas tapadas isoladas, são indicativos de parques proveitos. Aqui, além, casais degradados assinalam a habitação de jornaleiros, esquecidos de si próprios. O gado, sonâmbulo de fome, vagueia ali entre erva rala.

2

O céu, na Terra Alta, é de um azul ímpar. A sua transparência afigura-se irreal. À noite, a cintilação das estrelas abisma o homem. A limpidez do espaço sideral indica, no entanto, efeitos nefastos no calendário agrícola.

Os estios são ardentes e os invernos gélidos, como é próprio das regiões longínquas do mar (14).

A abundância agrícola e a variedade da fauna, no Concelho, decorrem, fundamentalmente, da existência de ventos originários do Mediterrâneo e do Atlântico, em certos meses, e da qualidade excepcional das suas águas, devido às formações geológicas.

Trata-se, portanto, de factores excepcionais, que tornam Castelo de Vide e o espaço da Serra de São Mamede, no qual se integra, uma das regiões mais belas do País e da Europa.

3

A população de Castelo de Vide é meã e trigueira, mas não é bela.

A mulher possui, no entanto, dons singulares. Seus olhos negros, mouriscos, são grandes, inquietos, aveludados e húmidos, traindo sem querer, sem saber, sem olhar, a volúpia imensa que lhes é própria. Elegante, ousada, movimenta-se com elasticidade musical. Suas pernas formosas, lindamente modeladas, cativam pela licenciosidade que irradiam. Endoidam os homens, quando passa.

Há algumas décadas, não muitas, que na área tradicional do campesinato a mulher de Castelo de Vide desejava somente doar-se, por inteiro, ao seu homem, para o servir, desde o dia da boda. A virgindade, essa perdera-a provavelmente quando se tornara sua conversada. Era uma regra inconfessa, desde tempos imemoriais. Algumas vezes acontecia casar-se já de esperanças. Mas a sua fidelidade, a partir do matrimónio, era inteira, sagrada.

Por alturas do consórcio, a mátria alentejana levava para o novo lar, além do bragal, o mobiliário, as loiças, os vidros, os talheres e os mais utensílios próprios à acomodação doméstica dos cônjuges. Ao noivo competia, por sua vez, prover o teto e adquirir, as alfaias agrícolas indispensáveis ao seu labor nos campos; a parelha de burros, mulas, ou junta de bois, conforme as suas posses, destinada, fundamentalmente, a lavrar e a gradar as leiras de terra, próprias ou trazidas de renda; os suínos, que lhe permitiam ensacar os enchidos, no tempo da matança; a vaca, que lhe assegurava o leite e as crias, a par das ovelhas e das cabras, que garantiam a operacionalidade de uma pequena queijeira, na época própria, isto se os nubentes eram de certo modo abastados, como acontecia então de um modo corrente no Concelho. Quanto mais minguados eram os seus meios económicos, mais se reduzia, proporcionalmente, o seu trem de vida, no

início do matrimónio. A aquisição de bens tão diferenciados competia, segundo as suas características próprias, ao pai da noiva, ou do noivo.

A boda realizava-se ao longo de três dias: o da véspera do casamento; aquele em que o sacerdote unia, por fim, os nubentes na capela mor de uma das Igrejas da Vila e o dia seguinte ao da cerimónia religiosa. E, pela noitinha, era servida uma lauta ceia aos numerosos convivas. O repasto realizava-se, normalmente, num antigo casão, que era propriedade da Santa Casa de Misericórdia. Sentados em mesas corridas, em amplo alarido, eram servidas as melhores iguarias do Concelho, em sopeiras descomunais e travessas imensas: Primeiro, a sopa de cação; seguidamente, por uma ordem arbitrária, o sarapatel confeccionado com o sangue e os miudos do porco; a perna de cabrito e o lombo do suíno assados; as migas; os pesinhos de coentrada e o ensopado de borrego. O leite creme, queimado; o arroz doce; o bolo podre; os bolinhos de azeite; a boleima; o bolo finto e as azevias, encontravam-se igualmente à disposição dos convidados, sobre as mesas.

À mátria alentejana cabia, no seu universo familiar, as missões mais apropriadas à mulher, segundo um conceito tradicional. Por isso cumpria-lhe realizar não só as tarefas de natureza doméstica, mas também cooperar com o seu homem nos trabalhos campestres. A este competia, pelo seu lado, a definição da estratégia económica e financeira do casal; programar as tarefas de cariz agrícola; vigiar a acomodação e tratamento dos gados; acompanhar os ganhões nos trabalhos mais custosos, normalmente com uma palavra graciosa e feliz de incitamento. E, quando pela noitinha, terminada a última refeição; acomodados os filhos meigamente no berço, ou no leito; apagados os candeeiros de petróleo, ou as candeias de azeite, na cosinha, nos quartos, nas dependências, o casal se unia em intimidade, copulando no tálamo conjugal, ele tinha subjacente à ardência dos sentidos, a esperança de mais um filho possível - uma renovada benção de Deus. Revelava-se então a ambos a esperança realizável do surgimento próximo de uma nova vida - mais dois braços que ajudariam a erguer aquela Casa. Devemos ponderar, nestas circunstâncias, que o casal se encontrava integrado nos ditames de uma economia de subsistência.

4

A casa de lavoura, erigida normalmente sobre uma pequena colina, num ponto de observação amplo sobre o conjunto da propriedade, média ou pequena, permitia divisar,

quase em absoluto, os hortejos, as vinhas, os olivedos, os soutos e pinhais que a integravam. Voltada normalmente a poente, era enquadrada pelas instalações dos caseiros e dependências várias, formando, em geral, um pátio de terra batida. Entre aquelas dependências destacava-se: a adega, onde o vinho e o azeite eram acondicionados em enormes potes de barro, que foram introduzidos pelos árabes na distância de séculos e a azeitona, curada em talhas; a queijeira, a amassaria, o forno do pão, a oficina, os chiqueiros dos suínos, as cocheiras e, por último, as arribanas, onde se recolhiam os bois de trabalho. Mais distante, protegidas por um muro de pedra solta, perfilavam-se as colmeias. Naquela casa - pequeno universo de gentes variadas, envolvidas pela problemática dos seus sentimentos, convicções, interesses - ia-se escrevendo a grande pequena história de uma família de camponeses, possuidora de uma abastança significativa, que era em geral laboriosa, encontrando-se lindamente integrada numa região fecunda, onde não eram significativos os conflitos laborais.

A pequena e a média propriedades predominaram em Castelo de Vide de um modo benfazejo, desde a Idade Média, devido à circunstância de se tratar de uma região sujeita ao regime de regadio e devido ainda à concretização possível, no Concelho, do Plano Colonizador de D. Dinis, que "determinou, no Alentejo, a formação do maior número de aldeias repartidas em courelas, dando a cada morador uma courela"(14).

5

A Oeste de Castelo de Vide, para além do último contraforte da Serra de S. Paulo, a charneca seca, com vegetação parca, entre manchas de sobreiros, de azinho e de carvalhos, domina a estepe até ao Tejo, envolvendo as herdades numa quietude intemporal. Ali, os trabalhadores mal conheciam os senhores das terras que amanhavam. Acontecia, diziam, que os ganhões, sob o olhar vigilante do abegão e dos maiorais do gado, contemplavam nostálgicos a Terra Alta, na distância muda e cubiçavam as verduras mimosas dos seus pequenos prados. Vencendo uma soldada escassa, eles eram alanciados sazonalmente pelas fomes aziagas, pontuais, quando todo o labor cessava nas herdades, parideiras de moios mil de pão moreno, só a haver quando o pé de trigo recurvava, sujeito ao abraço fatal dos ceifeiros. E as mulheres, apesar de conformadas, sempre iam suplicando um milagre ao Senhor Cristo da charneca irreligiosa, beduíno místico dos montados, crucificado dia após dia, na constância de um milénio, num sobreiro hercúleo, sanguíneo, quase trágico, mas o fado funesto permanecia.

6

ROTEIRO DE CASTELO DE VIDE

- a) O Castelo
- b) A Torre de Menagem
- c) As Ruas Medievais
- d) A Antiga Câmara Municipal
- e) Os Baluartes
- f) A Judiaria
- g) A Vila dos Séculos XIV, XV e XVI
- h) A Vila no Século XVII
- i) Os Paços do Concelho
- j) As Igrejas
- l) Parque e Jardins
- m) O Antigo Convento dos Franciscanos Recoletos
- n) As Fontes
- o) As Quintas

7

NOTAS